



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Sobre o lugar

Da relação da arquitetura com a natureza: a casa

Pierre Da Silva Ribeiro

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrado)

Orientadora: Prof.(a) Doutora Miriam Ruiz-Iñigo

Covilhã, junho de 2018

DEDICATÓRIA

à Margarida, flor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meus pais e irmão, pelo infindável apoio.

À professora doutora Miriam Ruiz-Iñigo, pela perseverança e disponibilidade.

Aos meus amigos, pela amizade e companheirismo.

Ao Rui Ferreira, por me fazer acreditar que seria possível.

RESUMO

O conceito de lugar assume na arquitetura um papel fundamental, sendo o fator responsável pela atribuição de valor e identidade ao construído. Porém, é possível verificar várias vezes que ele é discriminado e a obra surge sem qualquer respeito com a envolvente e com a cultura do lugar. Neste sentido, a presente dissertação procura aprofundar conhecimentos relativamente ao conceito em estudo e como este é de extrema importância no âmbito da arquitetura, culminando numa proposta de uma casa que simultaneamente responde às necessidades do lugar e aos interesses do autor e que se encontrará inserida num terreno de cariz natural localizado na freguesia de Telhado, concelho de Vila Nova de Famalicão.

O lugar, o construído e o habitar fundem-se harmoniosamente. A casa eleva-se ao ponto de se tornar parte da natureza resultando num todo onde se estabelece uma relação de simbiose com o elemento orgânico intocável e virgem.

PALAVRAS-CHAVE

Casa, lugar, natureza, paisagem, Telhado

ABSTRACT

The concept of place takes on architecture a strong importance being the responsible for the attribution of value and identity to the built. However, it is possible to verify several times that it is discriminated and the work appears without any respect with the surroundings and the place culture. In this sense, the present thesis tries to find knowledge about the concept under study and how much it is of extreme important in a architecture, culminating in a proposal of a house that will at the same time gives an answer to the necessities of the place and the interests of the author and that will be inserted in a natural field located in Telhado, Vila Nova de Famalicão.

The place, the building and the inhabited fuse harmoniously. The house rises to the point of becoming part of nature resulting in a whole where the built is established in a relationship of symbiosis with the organic untouched and virgin element.

KEYWORDS

House, place, nature, landscape, Telhado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
I SOBRE O LUGAR	03
II DA RELAÇÃO DA ARQUITETURA COM A NATUREZA	11
A GEOMETRIA	13
ponto	15
tríade	19
quadripartido	23
O HOMEM	27
terra	29
horizonte	33
céu	37
O ESPAÇO	41
privado	43
social	47
laboral	51
III A CASA	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Vista geral do terreno (elaborado pelo autor).

Figura 02 - Vista do terreno no seu traçado longitudinal (elaborado pelo autor).

Figura 03 - Identificação do lugar para a implantação da proposta (elaborado pelo autor).

Figura 04 - Malevich, Kazimir. "Black Square", 1915.

Fonte: Gil, José. A arte como linguagem: a "última lição". Lisboa: Relógio D' Água Editores, 2010, p.8.

Figura 05 - Formalização da implantação (elaborado pelo autor).

Figura 06 - Desenvolvimento segundo o eixo vertical (elaborado pelo autor).

Figura 07 - Albers, Joseph. "Homage to the Square: Apparition", 1959.

Fonte: [Internet] Disponível em: <https://www.guggenheim.org/artwork/173> [Consult. 06 de Março de 2018].

Figura 08 - Elementos constituintes da proposta (elaborado pelo autor).

Figura 09 - O Homem protegido pela muralha (elaborado pelo autor).

Figura 10 - Rothko, Mark. "No.16", 1961.

Fonte: [Internet] Disponível em: <http://www.mark-rothko.org/number-16.jsp> [Consult. 5 de Novembro de 2018].

Figura 11 - Variações de intensidade de luz no interior da proposta (elaborado pelo autor).

Figura 12 - Corte explicativo (elaborado pelo autor).

Figura 13 - Eliasson, Olafur. "Riverbed", 2014.

Fonte: [Internet] Disponível em: <https://www.designboom.com/art/olafur-eliasson-riverbed-louisiana-museum-of-modern-art-19-08-2014/> [Consult. 14 de Janeiro de 2018].

Figura 14 - Diagrama concetual (elaborado pelo autor).

Figura 15 - Densidade dos elementos verticais (elaborado pelo autor).

Figura 16 - Chillida, Eduardo. "Elogio del Horizonte", 1990.

Fonte: Chillida, Eduardo. (1990) Elogio del horizonte. Oviedo: Editorial Progreso, p.123

Figura 17 - Relação crescente dos horizontes (elaborado pelo autor).

Figura 18 - Três tipos de horizonte (elaborado pelo autor).

Figura 19 - Turrell, James. "Skyspace I", 1974.

Fonte: [Internet] Disponível em: <https://www.guggenheim.org/artwork/4089> [Consult. 23 de Março de 2018].

Figura 20 - A sensação vivenciada de leveza (elaborado pelo autor).

Figura 21 - Linha que confina o espaço (elaborado pelo autor).

Figura 22 - Aalto, Alvar. Villa Mairea, 1938-9.

Fonte: Palasmaa, Juhani. Os olhos da pele: A arquitetura dos sentidos. São Paulo: Bookman, 2011, p.66

Figura 23 - Esquema da organização (elaborado pelo autor).

Figura 24 - Perspetiva interior (elaborado pelo autor).

Figura 25 - Utzon, Jorn. Can Lis, 1972.

Fonte: Olgiati, Valerio (ed.). The images of architects. Flims, 2015.

Figura 26 - Esquema da organização (elaborado pelo autor).

Figura 27 - Perspetiva interior (elaborado pelo autor).

Figura 28 - Corbusier, Le. Villa Savoye, 1929.

Fonte: [Internet] Disponível em: <https://www.archdaily.com/84524/ad-classics-villa-savoye-le-corbusier/5037e68628ba0d599b00035a-ad-classics-villa-savoye-le-corbusier-image> [Consult. 24 de Fevereiro de 2018]

Figura 29 - Esquema da organização (elaborado pelo autor).

Figura 30 - Perspetiva interior (elaborado pelo autor).

Figura 31 - Pomar de laranjeiras (elaborado pelo autor).

Figura 32 - Leito de água (elaborado pelo autor).

Figura 33 - Vista sobre o vale (elaborado pelo autor).

INTRODUÇÃO

JUSTIFICAÇÃO DA TEMÁTICA

A questão do lugar, a forma como se integra no contexto, como dialoga com a envolvente é algo que foi suscitando interesse no descobrir da arquitetura. É um tema que já foi explorado por diversos autores, contudo procura-se aglomerar as principais referências para sustentar a referida abordagem. A arquitetura, por si só, não pode existir, necessita de um meio, meio este que tem que ser percebido e compreendido, o lugar. A procura pela essência do construir associada ao lugar e ao Homem, ator do espaço inserido na natureza, assumem-se como fatores chave para a idealização do projeto arquitetónico. Torna-se extremamente importante conhecer, sentir o lugar e perceber o que o define e depois intervir no mesmo. O tema da casa é escolhido como a tipologia que melhor se adequa na exploração da relação do Homem com a natureza pois é através desta que o Homem verdadeiramente habita o espaço.

OBJETIVOS

Perante um lugar natural, o objetivo primordial passa por idealizar uma proposta de um refúgio onde o autor se propõe a desenvolver, numa dimensão íntima, as suas vontades e ideologias arquitetónicas e espaciais. Surge uma procura por entender de que forma a construção consegue enaltecer a vida humana em toda a sua amplitude tomando como referências essenciais ao seu desenvolvimento os escritos de Heidegger e Juhani Pallasmaa. Desta forma é também pretendido explorar a forma como a arquitetura se impõe no espaço natural respondendo de forma adequada às condicionantes existentes.

METODOLOGIA

A presente dissertação desenvolve-se segundo três capítulos, os quais procuram seguir uma lógica estrutural entre eles de forma linear não enfatizando nem realçando uma temática em concreto, mas sim uma relação conjunta entre o lugar, a natureza e o Homem como parte de um todo.

Num primeiro capítulo intitulado "Sobre o lugar" é explorado, como elemento introdutório, a fisionomia do terreno e as suas condicionantes essenciais culminando na identificação do lugar. Esta leitura foi possível através de um contacto pessoal com o terreno, permitindo ao longo de várias visitas perceber toda a sua essência.

Num segundo capítulo, intitulado "da relação da arquitetura com a natureza" é explorado, perante as premissas do terreno, as atitudes e intenções que incorporam a intervenção arquitetónica. É idealizado segundo uma organização estratificada desde a implantação aos ambientes criados.

Num terceiro capítulo, intitulado "a casa" é descrita uma viagem pela proposta exaltando as sensações e toda a atmosfera vivenciada em cada espaço. É pretendido que o leitor se envolva numa viagem profunda e experiencie na primeira pessoa o percurso desde o exterior natural até ao último espaço da proposta.

“Com que brilho e inspiração copiosa a compusera o divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tao ricamente as dotou, n’este seu Portugal bem-amado! A grandeza igualava a graça. Para os valles, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, d’um verde tao moço que eram como um musgo macio onde appetecia cahir e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amavel, a que o esvoaçar leve dos passarros sacudia a fragrancia. Atravez dos muros seculares, que sustem as terras liados pelas heras, rompiam grossas raízes colleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flôres silvestres. (...) Por toda a parte a água sussurrante, a água fecundante ... (...) fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta á beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficamente, á espera dos homens e dos gados ... Todo um cabeça por vezes era uma seara, onde um vasto carvalho ancestral, solitário, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjaes rescendentes.”
(QUEIRÓS,1923:186)

SOBRE O LUGAR



Figura 01 - Vista geral do terreno.

"O Minho, pequenino e meigo, tendo na orla da costa, de areias de oiro, o esmalte verde das copas dos pinheiros marítimos, é todo fofo de verduras de milheirais, de feijoadas, de hortas, de prados húmidos abeberados em água às lascas, lisa e brilhante, como a prata das salvas. As cepas caseiras, querendo-se com gente amiga, sobem os cunhais das moradias caiadas, estendem os braços e, espalhando suas folhas ao longo dos beirais vermelhos, sorriem de lá, dos seus festões, por cima das janelas, para dentro de casa; outras trepam às árvores, engavinhandose nelas, com aquele amor das heras que morrem agarradas a quem se apegam. E, assim, em Setembro, nestas vinhas de enforcado, carvalhos e choupos florescem em novos Abris e frutificam em cachos negros e loiros.

Nas pequenas herdades vêem-se, por entre latadas, branquejar casais modestos, tendo junto eiras postas ao sol, ao lado de medas de palhas milhas, trigos e centeiras, com suas cimeiras cruces de colmo, as quais, com as de granito no topo dos canastos e dos portões de telhados de duas águas, protegem todo o casal cristão: - gentes e gados.

*... Os montes, com a gaivota branca das suas capelinhas à sombra de um sobreiro eremita, boleiam-se uns por detrás dos outros, a esmaiar suas tintas azulinhas, de corcova em corcova, até às últimas serras, distantes, de safira diluída em gaze, ou de violeta desfeita em fumo lilás - longe, a confinar na Espanha, onde elas irromperem bravas e de onde, passada a fronteira, descem mansas, formando entre si vales que juntam as águas dos riachos a engrossar o Minho, o Lima, o Cávado, o Ave, às cruvas, para o oceano que os recebe com admirável amor ..."*¹

O terreno, de carácter profundamente natural, insere-se na freguesia de Telhado, concelho de Vila Nova de Famalicão no cerne do baixo Minho, uma região fortemente influenciada pela cultura da terra e da sua relação com a natureza. Dado o seu isolamento à sociedade, o terreno assume-se como um vazio natural e a razão da sua escolha advém essencialmente pela proximidade que possui com o mesmo, tanto física como emocional. Perante uma possível proposta de intervenção no local, este vínculo afetivo possibilita e reforça uma resposta mais consciente e refletida perante todas as suas condicionantes.

Distanciado do aglomerado habitacional destaca-se pela forma como se desconecta da realidade mais urbana e habitacional sendo ele próprio uma espécie de refúgio. Abraçado pela montanha adjacente, a Norte e Este, o terreno caracteriza-se pela sua geometria irregular e escalonada, de carácter longitudinal segundo o eixo Norte-Sul, sendo organizado essencialmente por três cotas principais, resultantes da necessidade do cultivo das terras num terreno outrora de maior declive. Desta forma, o terreno, inconscientemente, assume-se como uma espécie de bancada natural voltando-se para todo o vale a Oeste, sendo este o único eixo direto de visão mais abrangente perante a sua envolvente, transmitindo um sentimento de liberdade em oposição às restantes orientações que circunscrevem e confinam o espaço. Estas, por sua vez, de menor campo visual são demarcadas por um limite mais rígido resultante de uma maior densidade da vegetação proporcionando uma sensação de abrigo e proteção.

Numa análise mais espacial são percebidas três grandes zonas que o demarcam num sentido

¹ Antero de Figueiredo em Santa-Rita, Gonçalves. (1982) Portugal: a expressão da paisagem. Lisboa: Edições Terra Livre, p.53.



Figura 02 - O terreno no seu traçado longitudinal.

transversal à sua morfologia. Numa primeira zona, rematando o limite norte do terreno, prevalecem as fruteiras na sua maioria laranjeiras com uma maior densidade, posteriormente, no seu limite sul, uma zona de carvalhos de densidade intermédia e por fim, no centro do mesmo, surge um espaço de vegetação rasteira de baixa densidade. A água, por sua vez, é o elemento mais marcante do terreno dada a presença de uma mina e de várias linhas de água que por ele atravessam. É também marcado pela presença de um tanque de água implantado junto ao limite Este do terreno e desde o qual a água brota rumo a sudeste.

São dois os percursos que permitem o acesso ao terreno. Ambos, surgidos da bifurcação de um mesmo caminho principal advêm do sentido norte-sul e rasgam a montanha até aceder a este. Contudo, cada um tem um caráter diferente. O percurso mais longo e principal, que possibilita a passagem para o interior da floresta, percorre junto dos seus limites, de onde é possível avistar o local, e apenas irá permitir o contacto com o terreno no seu limite sul a uma cota superior. Por conseguinte, o caminho secundário, de piores condições, é mais sinuoso porém, possibilita confrontar o terreno frontalmente com toda a sua amplitude longitudinal acedendo ao mesmo na sua cota inferior.

A dificuldade de intervir num espaço natural é a sua falta de relações próximas que poderiam levar à criação arquitetónica. Apenas segundo uma leitura precisa e criteriosa perante o terreno é possível estabelecer quais as condicionantes que este enaltece e que devem ser mantidas e realçadas. Percebidas as diferentes condicionantes torna-se necessário idealizar quais os fatores que mais irão influenciar na escolha de um determinado local para a implantação da proposta. É de salientar a importância que este espaço irá tomar na medida em que deve glorificar e enaltecer o terreno em questão.

Assumido o elemento água como único elemento criador de movimento é ele que se realça e atribui significado e valor ao todo e é sobre este que a intervenção irá ganhar forma. Desta forma busca-se trazer para a futura intervenção arquitetónica esta essência assumindo a possível identificação do lugar sobre a própria linha de água sem contudo perturbar a sua normal fluidez. De entre as várias possibilidades surge outro fator de grande importância sendo ele a abertura ao vale.

“The [place] is not already there before the bridge is. Before the bridge stands, there are of course many spots along the stream that can be occupied by something. One of them proves to be a [place], and does so because of the bridge. Thus the bridge does not come first to a [place] to stand in it; rather a [place] comes into existence only by virtue of the bridge”¹

Para Heidegger², a criação de lugar apenas acontece com a necessidade do habitar e este o habitar tem o construir como fim. Explora este momento decisivo com o exemplo de uma hipotética ponte, a qual tem a capacidade de nos conectar com o mundo que nos rodeia. O momento quando o construtor define o sítio para a sua construção é essencial na criação de lugar, definido também por Christian Norberg-Schulz³ como a concretização do espaço e por

¹ Heidegger, Martin. Poetry, Language, Thought. New York: Harper & Row, 1971, p.151-152

² Martin Heidegger (1889-1976) foi um filósofo alemão que contribuiu para o pensamento existencialista aliado à fenomenologia do ser.

³ Christian Norberg-Schulz (1926-2000) foi um arquiteto e teórico norueguês fenomenológico.



Figura 03 - Identificação do lugar para a implantação da proposta.

Simon Unwin¹ como a identificação do lugar. Qualquer que seja o termo usado para o definir, é para Heidegger o momento que o habitar se inscreve no lugar segundo a construção. Para o filósofo, os lugares como coisas e construções eram entendidas primeiramente através do uso e experiência e uma vez definida a sua localização, o sítio irá ser percebido de forma diferenciada uma vez construída a ponte e consequentemente este sítio será definido na cabeça das pessoas como o lugar da ponte.²

As decisões por detrás da identificação de um lugar para a implantação da casa não são tão díspares das escolhas provenientes no arranjo de uma toalha num parque. Um piquenique, como refere Simon Unwin, é um bom exemplo para percebermos a identificação de um lugar que, tal como a hipotética ponte de Heidegger, explora o mesmo princípio. A sua escolha para a implantação da proposta é então comparado ao exemplo do piquenique num parque abordado por Adam Sharr, onde se percebe como é identificado e como a experiência humana influencia esta escolha.

“Picnickers will look for a good place to sit. If it’s a fine day, they might want to sit in the sun or prefer a patch of shade. They might want to look at other people in the park: in the hope of seeing friends; to idly watch a game of sport; or from sheer nosiness. They might want an expansive view, or choose a more secluded spot. The picnickers will dither and debate until they find somewhere which serves everyone’s whims. An identification of place thus occurs. If they’re well prepared, our picnickers may next lay out a picnic blanket. There may be a debate about how to arrange the blanket - long side to the view or to the road? - and with agreement another identification of place is made. Then people will choose where to sit: the nosiest might choose the best corner for people-watching; acquaintances who dislike each other will choose opposite ends of the blanket; someone might hurry to sit next to someone else. Each of these choices also involves identifying a place. Last, our picnickers will lay out their food: the hamper in the middle, maybe; the hard-boiled eggs in easy reach off the lover; a drinker hoarding the beer. The organisation of the picnic is a choreography of small-scale place identifications. [...] Numerous places have come into existence by virtue of the picnic.”³

Perante um local, cada pessoa identifica um sítio que melhor se adapta à sua personalidade e à sua forma de estar no mundo e este mais do que tudo é a identificação do seu próprio lugar. A casa, como construção de cariz pessoal, ao contrário da hipotética ponte de Heidegger que busca uma resposta adequada às necessidades de várias pessoas, é baseada numa resposta fenomenológica onde não existe certo ou errado. É essencialmente a identificação de um sítio onde nos sentimos confortáveis e aptos a sentir e refletir. Este mais do que qualquer um é o derradeiro lugar.

¹ Simon Unwin (1952-) é um arquiteto e teórico britânico, autor do livro "Analysing Architecture".

² Sharr, Adam. (2007) Heidegger for architects. Abingdon: Routledge, p.52-53

³ Sharr, Adam. (2007) Heidegger for architects. Abingdon: Routledge, p.53

“O homem volta-se para a geometria como as plantas se voltam para o sol: é a mesma necessidade de clareza e todas as culturas foram iluminadas pela geometria, cujas formas despertam no espírito um sentimento de exactidão e de evidência absoluta.” (AFONSO, 1999:60)

DA RELAÇÃO DA ARQUITETURA COM A NATUREZA

A GEOMETRIA

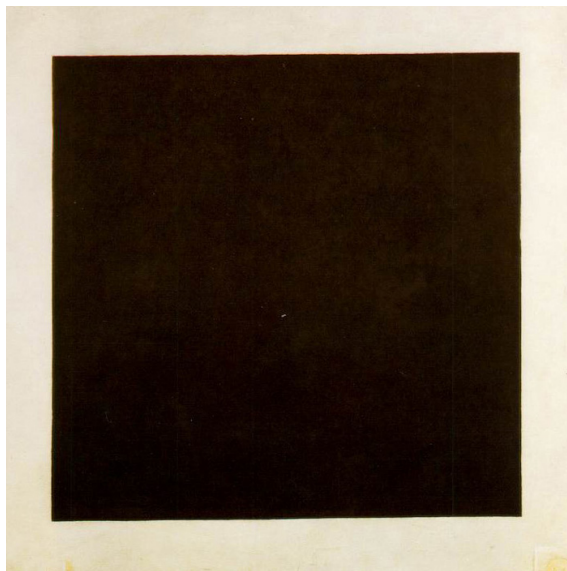


Figura 04 - Malevich, Kazimir. "Black Square", 1915.

PONTO

“A superfície plana que forma um quadrado foi o ceppo de onde saiu o suprematismo, o novo realismo colorido enquanto criação não-figurativa”¹

Perante uma busca incessante pela geometria como base de todo o pensamento arquitetónico, a formalização da proposta visa acima de tudo uma resposta que não procura mimetizar a natureza mas sim contrastar com a sua organicidade e assumir-se na sua íntegra tal como Kazimir Malevich² explora na sua criação artística. Dada a morfologia complexa do terreno, assume-se uma linguagem simples e pontual segundo uma geometria quadrangular que propõe unificar todo o terreno não obstruindo a sua normal fluidez. Esta forma racional que melhor responde às condicionantes do meio é simultaneamente a que melhor responde às necessidades do Homem. Tal como o movimento suprematista³ nasce do quadrado negro, a proposta nasce também desta forma que busca uma linguagem puramente abstrata em oposição ao figurativismo.

A austeridade da sua forma pura e simples implanta-se no terreno sobre a linha de água pressupondo uma vivência conjunta e profunda entre homem e natureza integrando toda a essência do terreno.

Na busca pelo mínimo contacto possível com o terreno, a geometria quadrangular é reduzida ao ponto de possibilitar a vivência no seu interior e por consequência é o eixo vertical que se estabelece como linha de crescimento. Numa forte relação com a paisagem, a proposta visa se assumir sem contudo se sobrepor à natureza como uma espécie de maciço rochoso que ali pontua o lugar. Derivado da abertura que o terreno estabelece sobre o vale a oeste, o volume, inicialmente orientado segundo os principais pontos cardeais, sofre uma ligeira rotação, integrando, desta forma, também o alinhamento da linha de água.

¹ Gil, José. (2010) A Arte como Linguagem: a “última lição”. Lisboa: Relógio D’ Água Editores, p.12

² Kazimir Malevich (1879-1935) foi um pintor da vanguarda russa, mentor do movimento suprematista.

³ O suprematismo foi um movimento russo focado nas sensações transpostas pelas formas geométricas.

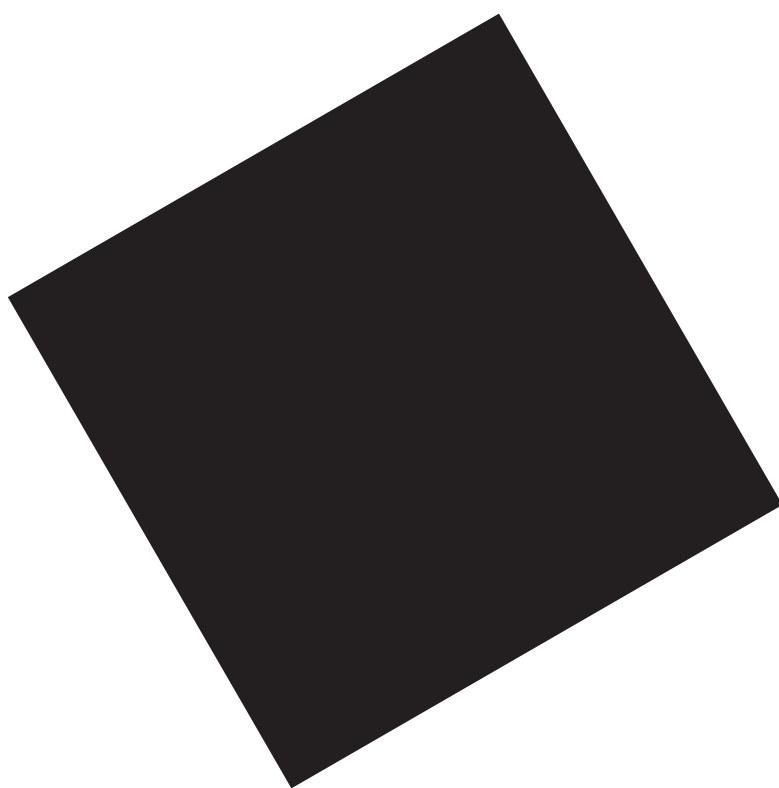


Figura 05- Formalização da implantação.

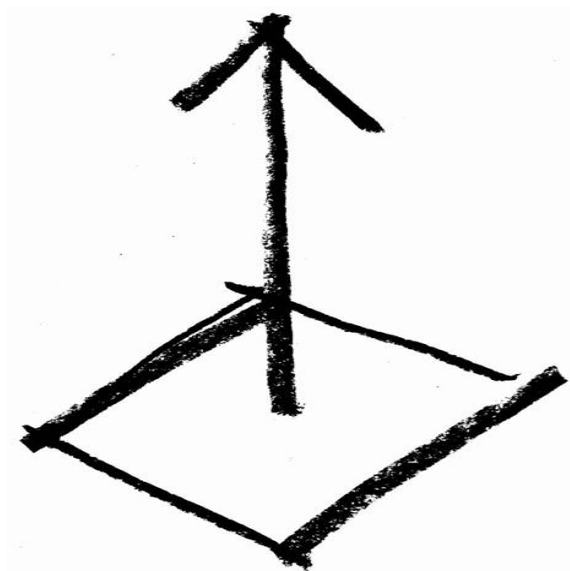


Figura 06 - Desenvolvimento segundo o eixo vertical.

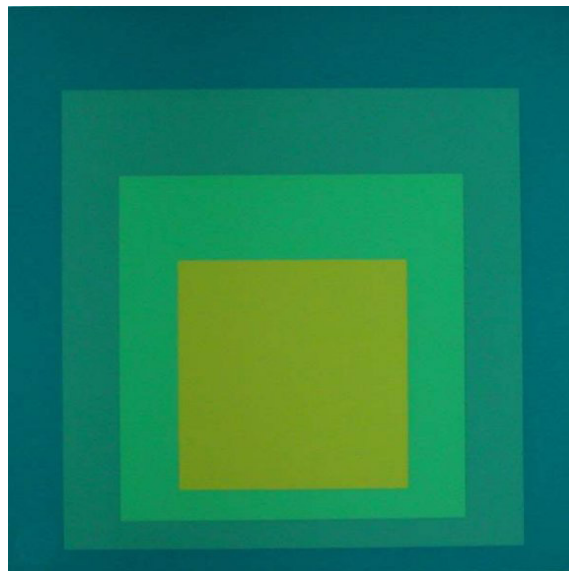


Figura 07 - Albers, Joseph. "Homage to the Square: Apparition", 1959.

TRÍADE

*"The embrasure anticipates a relationship between the bunker and the limits of the firing range; the firing slit, like the squint of the eyelid, reduces the visual field to a strict minimum, to the target, with the aim of protecting the inner organ"*¹

A ideia de refúgio, como um espaço que protege e alberga o Homem perante as intempéries da natureza, é tomada na sua essência na idealização da proposta. Assumido como um espaço no interior do volume, o Homem, como centro do mundo das experiências, remetendo às questões fenomenológicas do pensamento de Merleau-Ponty², é enaltecido na sua vivência do quotidiano.

De carácter profundamente protetor do Homem, o elemento que o protege assume um papel importante na proposta pois possibilita a vivência conjunta entre natureza e Homem numa relação mútua de partilha sem contudo expor o fogo ao exterior. Tendo uma forte influência pelas construções da arquitetura militar, este elemento assume-se como uma espécie de torre de menagem³ a qual enaltece este sentimento protetor como também o crescimento da proposta em altura. Busca uma relação mais próxima da arquitetura vernacular materializando-se em pedra granítica proveniente de construções devolutas da região remetendo às memórias do espaço. Dado o carácter de refúgio que a muralha incorpora, esta apenas se abre ao exterior em extrema necessidade remetendo um pouco às construções dos bunkers que apenas expõem o seu interior em pontos estratégicos e de dimensões reduzidas, não comprometendo a proteção interior. As aberturas da muralha surgem de um processo criterioso dada a sua necessidade de proteger o abrigo. Assim, orientada a Norte isola-se por completo surgindo apenas duas aberturas ao nível do piso térreo, orientadas segundo o eixo Nordeste - Sudoeste, e uma abertura ao nível do terceiro piso, de Sudeste a Sudoeste acompanhando o eixo de rotação solar, numa relação profunda com a paisagem. A sua materialidade irregular vinculada com a memória evoca irresistivelmente os efeitos do tempo da região. Assume uma identidade simultaneamente oriental e ocidental na medida em que é responsável por proteger o fogo das intempéries como também de o proteger do sol envolvendo a casa numa penumbra difusa.

O vazio, espaço mediador e transformador do Homem, é assumido como exterior a este e ganha características de interior pela forma como se relaciona com a atmosfera interna da casa, um espaço que de certa forma se relaciona com o conceito de *engawa*⁴ explorado na arquitetura tradicional japonesa. Este espaço intersticial à habitação irá transformar constantemente o interior pela constante mutação que a natureza irá sofrer no decorrer do tempo. Assim muralha, natureza e homem vivem numa mútua relação de simbiose.

Toda a proposta segue uma malha racional e rígida, em oposição à envolvente, segundo uma métrica que tem como base o metro. Esta medida é então assumida como a unidade base da proposta. Tanto a estrutura de betão como a muralha seguem esta métrica na busca por um equilíbrio entre o todo e cada parte.

¹ Virilio, Paul. (2009) Bunker archeology. Hudson: Princeton Architectural Press, p.43-44.

² Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) foi um filósofo fenomenológico francês fortemente influenciado pelo pensamento de Martin Heidegger e Edmund Husserl.

³ Estrutura central de um castelo medieval assumido como principal ponto de poder e defesa.

⁴ O engawa é proveniente da arquitetura tradicional oriental idealizado em volta da casa como um espaço mediador entre exterior e interior.

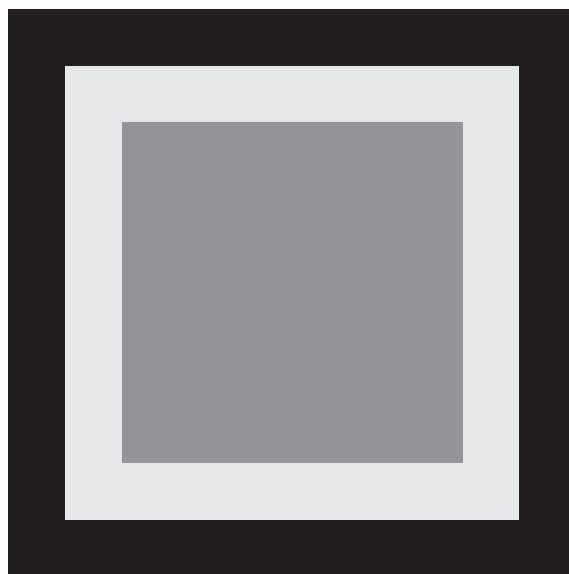


Figura 08 - Elementos constituintes da proposta.

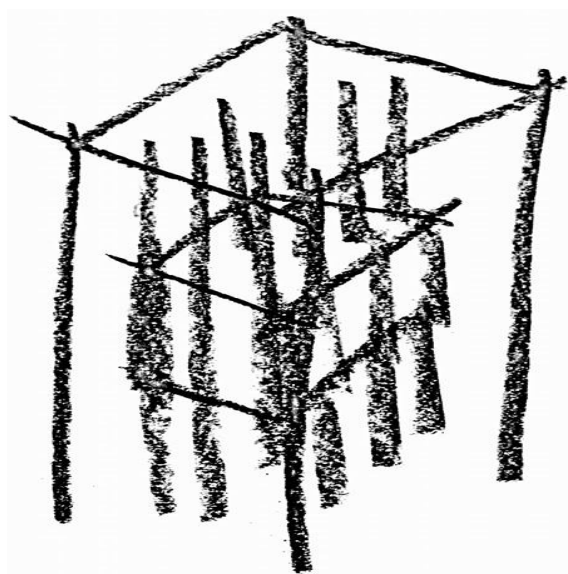


Figura 09 - O Homem protegido pela muralha.

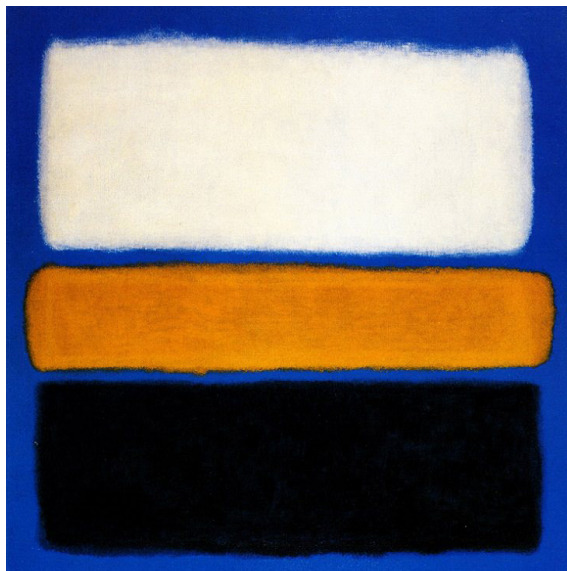


Figura 10 - Rothko, Mark. "No.16", 1961.

QUADRIPARTIDO

“The fundamental character of dwelling [...] reveals itself to us as soon as we reflect that human being consists in dwelling and, indeed, dwelling in the sense of mortals stay on the earth. But ‘on the earth’ already means ‘under the sky’. Both of these also mean ‘remaining before the divinities’ and include a ‘belonging to men’s being with one another’. By a primal oneness the four - earth and sky, divinities and mortals - belong together in one.”¹

O Homem, assumido como o volume central da proposta, procura se reencontrar com o mundo que o rodeia. Aqui, terra, céu, divinos e mortais, conjuntamente consistem na circunstância primária da existência proporcionando infindáveis oportunidades de se encontrar consigo próprio. Para Heidegger, a essência do habitar resume-se como uma vivência constante com o *quadripartido*. Nesta busca, influenciado pelo seu pensamento, como parte de uma mesma ação, a proposta divide-se em três espaços principais. O Horizonte, o amarelo, surge como central da proposta numa relação direta com a terra, o preto, e numa relação direta com o céu, o branco. Estes espaços ganham a sua personalidade e ambiência pela intensidade da luz que se faz sentir no interior do edifício.

A luz é o fator determinante para a criação dos diferentes espaços, influenciando desta forma os sentidos explorados em cada piso. O espaço terra fortemente vinculado com a natureza ganha a sua essência pela redução do espectro luminoso possibilitando a criação de um espaço mais refugiado e acima de tudo de uma profunda introspeção. Dada a sua pouca luminosidade, o sentido da audição é o mais explorado sendo que no crescer vertical da proposta, passa a dar lugar progressivamente ao sentido da visão. O espaço horizonte surge como o espaço mediador entre a audição e a visão, estando no piso intermédio, ou seja, no social, em equilíbrio. No piso privado por sua vez é a audição que se sobrepõe à visão, procurando um espaço mais reservado e no piso laboral é a visão que se sobrepõe à audição dada a sua necessidade de trabalho e concentração. Finalmente, no piso do céu é a visão que se destaca numa profunda relação com o espaço. De forma a possibilitar a livre circulação entre estes três espaços, é criado um elemento vertical que, tal como o projeto, busca a sua essência na procura pela luz. É idealizado como uma espécie de câmara escura onde a mínima entrada de luz, neste caso, zenital, se faz sentir.

O espaço Homem é confinado no seu perímetro pela estrutura que o suporta em pilares de betão e no interior pelos elementos verticais responsáveis por organizar o espaço. Num sentido vertical ascendente, estes elementos, dependendo das necessidades do interior, perdem a sua presença e desta forma possibilita a criação de ambientes distintos dentro de uma planta de escala reduzida, juntamente com a luz e os limites que os definem.

¹ Heidegger, Martin. *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper & Row, 1971, p.147



Figura 11 - Variações de intensidade de luz no interior da proposta.

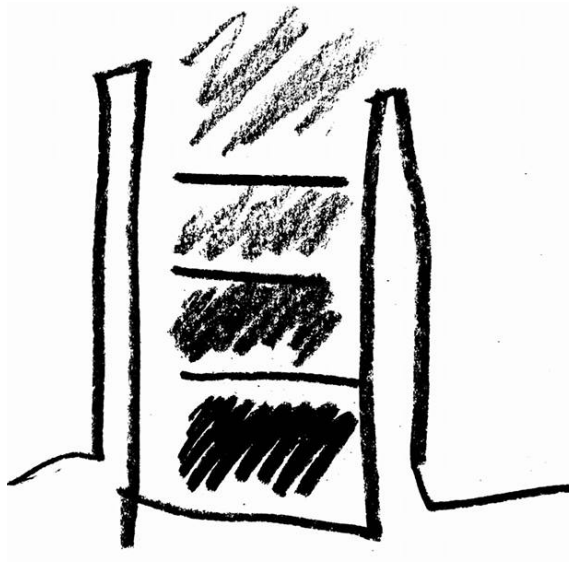


Figura 12 - Corte explicativo.

O HOMEM



Figura 13 - Eliasson, Olafur. "Riverbed", 2014.

TERRA

Tal como a muralha proporciona uma vivência conjunta entre Homem e Natureza, também o acesso ao refúgio é feito numa relação mútua de partilha. O espaço de entrada é assumido através de um pavimento em betão, remetendo à métrica organizacional do fogo, possibilitando uma percepção do momento de chegada, o qual encaminha o Homem para o seu cerne através de uma experiência tátil pela rugosa textura da muralha granítica que se faz demarcar. Esta fina lâmina de geometria quadrangular que pousa sobre o terreno, remetendo de certa forma às eiras tradicionais, assume uma linguagem bastante ténue e singela não querendo se contrapor ou evidenciar em relação à natureza e possibilita ao Homem experienciar uma relação com os elementos naturais, primeiramente num espaço mais amplo e exterior e posteriormente num espaço mais íntimo e interior, demarcados pela passagem através da espessa muralha que abriga o fogo. O elemento perimetral granítico assume um papel fundamental na passagem pois é ele que demarca a entrada para o interior do refúgio, visto não ser usado um elemento delimitador físico entre ambos os espaços. Assumido com um pé-direito de apenas dois metros, o acesso, a Nordeste, é feita numa relação de dois para um onde, Homem e natureza, respetivamente, penetram a muralha numa experiência sensorial profunda e inspiradora. No seu lado oposto, a Sudoeste, surge novamente uma abertura ao exterior, contudo esta é idealizada para permitir apenas o normal fluxo do elemento água com um pé-direito mais reduzido, de apenas um metro e a uma cota inferior. Uma vez no seu interior, reencarnando a densidade de uma floresta e assumidos como algo que não busca um mimetismo das formas naturais, surgem os pilares com o seu ar austero e racional que organizam o espaço de forma pontual segundo uma malha. Numa linha perimetral, os pilares são idealizados em betão armado, responsáveis por sustentar todo o volume do Homem. Os restantes elementos são responsáveis por organizar o espaço e permitir ao Homem aceder ao interior do refúgio, materializados em madeira e em chapa de aço negro.

Este espaço surge numa forte analogia à obra do artista Olafur Eliasson¹. Inspirado em grande parte nas paisagens da Islândia traz para o mundo da atribuição de significado toda a magia do mundo natural. O elemento da água é citado em várias obras do artista e uma em especial retrata a força que este elemento tem mesmo na sua quantidade ínfima e discreta. Surge como exemplo e grande referência a exposição no museu de arte moderna Louisiana, na Dinamarca, intitulada de Riverbed. A intervenção assume-se como algo estático, sem vida, o que se transforma completamente com a introdução da água. Esta linha variável no seu percurso percorre o espaço sem depender de um caminho predefinido e atribui significado e age como fator temporal. O som do leito a percorrer o espaço tem também um papel crucial em que, juntamente com a luz e todo a intervenção, cria uma atmosfera distinta e singular. É impressionante como uma intervenção está sempre em contínua modificação e os agentes intervenientes são as próprias pessoas, ou seja, é o próprio Homem que cria a obra e no final resulta algo muito mais fascinante e profundo do que inicialmente era pensado pelo artista. No final de contas é o elemento de instigação psicológica, digamos, que incute na pessoa um sentimento de curiosidade. Mais do que uma intervenção é uma forma de perceber as pessoas, uma forma de perceber o mundo e como pensamos acerca dele.²

¹ Olafur Eliasson (1967-) é um artista dinamarquês-islandês que busca um forte relação do Homem com os elementos naturais.

² Entrevista a Olafur Eliasson "A Riverbed Inside the Museum". Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=ZLUX3AI2Uic&t=1067s> [Consult. 5 de outubro de 2017]

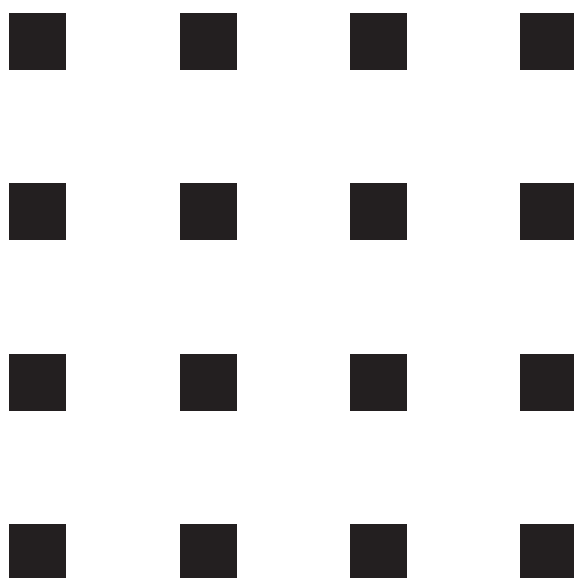


Figura 14 - Diagrama concetual.

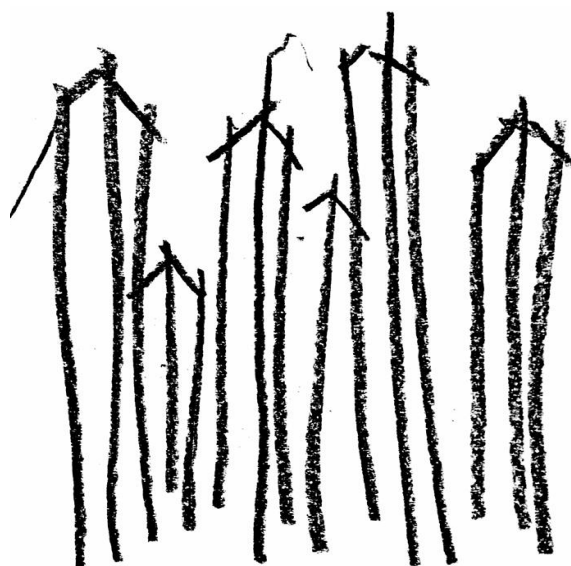


Figura 15 - Densidade dos elementos verticais.



Figura 16 - Chillida, Eduardo. "Elogio del Horizonte", 1990.

HORIZONTE

Percebido a essência central do Homem numa relação fortemente vinculada com o horizonte sem contudo se perder a relação com o céu e terra, surge a intervenção do escultor Eduardo Chillida¹ como uma analogia referencial. Tal como a sua obra “elogio del horizonte” também o volume central da proposta, Homem horizonte, enquadra o ser numa relação profundamente horizontal sem contudo se perder a relação vertical. Esta é demarcada pela presença da luz que estabelece o vínculo, ainda que não direto, com o céu, e por sua vez pela presença do som da água que reforça a relação com o espaço terra. Assim, o Homem assumido como central, está numa constante relação com terra, horizonte e céu, tal como sucede na obra do escultor. Mais do que o próprio elogio ao horizonte, ele é acima de tudo um elogio à própria natureza e ao próprio lugar. Com os seus braços protege o Homem numa relação fortemente vinculada com os sentidos num ponto específico com a própria existência humana.

A organização da planta tem uma forte influência da casa experimental muuratsalo da autoria do arquiteto Alvar Aalto pela forma como os seus espaços interiores se relacionam diretamente com a natureza que a envolve. Com uma organização em L abraçando um espaço principal aberto à natureza a casa acaba por se relacionar fortemente com a sua envolvente ainda que seja de certa forma limitada. Este espaço central tem uma forte influência no ambiente interior comportando-se como uma espécie de ante câmara para o exterior. Nenhum espaço se relaciona da mesma forma com a sua envolvente.

A circulação entre os espaços é feita segundo uma escadaria circular que relaciona os vários pisos. Nesta procura por uma planta livre e que de alguma forma realçasse a relação com a muralha este volume de circulação dispõe-se afastado dos limites do fogo para que este se perceba como parte do mobiliário, um elemento que organiza o espaço juntamente com os elementos pontuais que atribuem aos vários pisos uma ambiência diferenciada.

O volume intermédio Homem-horizonte, é dividido em três espaços, sendo que dois deles se encontram relacionados assumindo-se um ambiente contínuo, nomeadamente o piso da sala e o piso de escritório que surge como uma extensão do anterior.

Os três tipos de horizonte presentes no volume, além de se assumirem com relações mais abrangentes, estabelecem-se com uma direção diferenciada em cada momento. Na relação do quarto é a verticalidade que se enaltece, posteriormente no piso social é a relação diagonal resultado das linhas orgânicas da pedra e finalmente no piso laboral a relação fortemente horizontal em contacto com a paisagem.

O arranjo dos espaços fortemente influenciados pelo estilo tradicional japonês buscam uma relação profunda com a sombra e com a patina dos materiais, compreendendo tudo o que reluz. Desta forma são venerados os reflexos profundos. É usado então como materiais predominantes, o betão, como estrutura e revestimento principal, a madeira, como revestimento do espaço privado e dos elementos verticais organizadores do espaço, e o aço negro com a sua textura gasta e pálida que reveste a circulação vertical que atravessa todos os ambientes.

¹ Eduardo Chillida (1914-2002) foi um escultor espanhol, considerado o mais notável do sec. XX, que explorou a forma como massa e volume criam espaço e lugar.

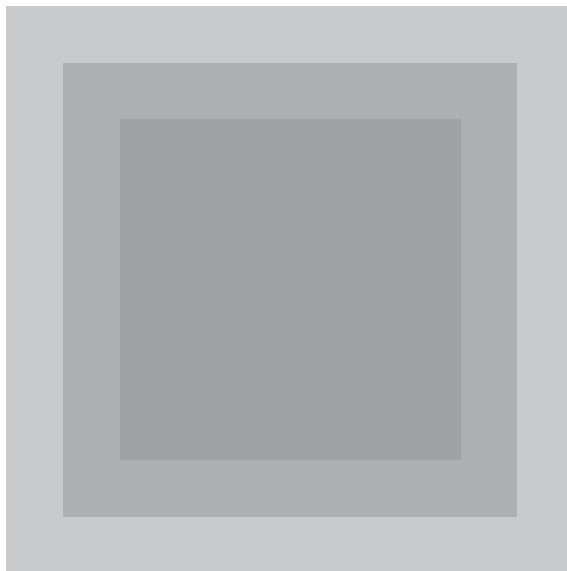


Figura 17 - Relação crescente do horizonte.



Figura 18 - Três tipos de horizonte.



Figura 19 - Turrell, James. "Skyspace I", 1974.

CÉU

Na procura pela luz alcançamos finalmente o último piso da proposta. Este espaço com um caráter fortemente influenciado pela obra do artista James Turrell¹, que busca na sua essência um ambiente profundo e introspetivo da relação do Homem com o céu. Novamente os sentidos são explorados salientando-se a visão como o predominante avistando o céu e a luz que este imana. Em oposição ao espaço terra, aqui, o fogo é o elemento definidor do espaço retomando de certa forma o espaço central da casa Muuratsalo como filtro à natureza exterior.

São dois os elementos delimitadores do espaço. Num sentido vertical é delimitado pela muralha circundante que enquadra o céu, assim como os elementos estruturais de betão recorrente em todos os pisos da proposta assumidos como fundamentais no reforço pelo sentido vertical da relação do Homem com o céu. O chão por sua vez é revestido com lajetas de betão organizadas segundo a métrica da proposta de metro por metro com excessão das lajetas perimetrais que se ajustam à presença dos pilares de betão.

De entre os vários elementos organizadores, centrais da proposta, o elemento da escadaria é o único que chega a este piso em busca de uma relação forte com a luz surgindo como uma analogia aos *skyspace*² criados por Turrell. O artista busca no seu trabalho enfatizar a luz como algo que tem a capacidade de reconectar o ser com o mundo que o rodeia explorando a sua *thingness*³. Mais do que apenas algo que revela as coisas, a luz é ela própria a revelação.

¹ James Turrell (1943-) é um artista norte-americano que trabalha com a materialização da luz.

² “A Turrell Skyspace is a specifically proportioned chamber with an aperture in the ceiling open to the sky. Skyspaces can be autonomous structures or integrated into existing architecture. The aperture can be round, oval or square” Fonte: [Internet] <http://jamesturrell.com/work/type/skyspace/>

³ É notável a referência do pensamento de Martin Heidegger na obra de James Turrell. Heidegger argumenta em “The Thing” que a proximidade do Homem com a sua própria existência estava a diminuir e com isto interliga a noção de “nearness” com a noção de “thingness” ao sugerir como uma “coisa” tinha a capacidade de se relacionar com as condições prévias da própria existência incorporando o *quadripartido* e desta forma ajudando o ser a estar mais próximo do mundo que o rodeia.

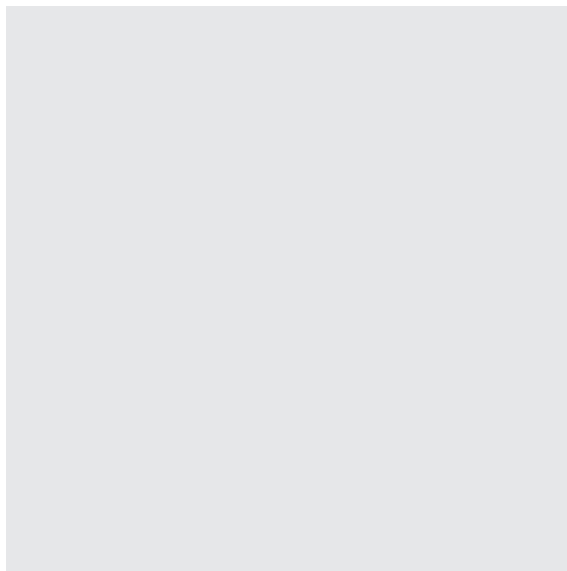


Figura 20 - A sensação vivenciada de leveza.



Figura 21 - Linha que confina o espaço.

O ESPAÇO



Figura 22 - Aalto, Alvar. Villa Mairea, 1938-9.

PRIVADO

O primeiro momento na descoberta do volume central da proposta, o Homem, é assumido como um espaço de maior intimidade e desta forma mais vinculado às características sensoriais do ambiente terra dada a sua relação mais próxima com os sentidos da audição e do tato. Num espaço onde a intimidade é o fator mais determinante, a sua relação com o horizonte é o mais protegido e mais abrigado sendo os seus limites mais compactos, próximos e físicos. Remetendo à natureza e com uma forte relação com a vila mairea do arquiteto Alvar Aalto este espaço é delimitado por um ripado de madeira que estabelece a relação do Homem com o Horizonte mais próximo recriando um espaço mais íntimo e protegido. Este limite vai tomando espaçamentos variados fazendo com que o espaço seja mais dinâmico e a própria luz penetre no mesmo de forma diferenciada. Este surge como uma interpretação dos *shoji*¹ numa busca por filtrar a luz zenital que difusamente chega a este piso. Da mesma forma encontra na arquitetura popular portuguesa um vínculo forte na relação com os espigueiros e sequeiros provenientes da região. Descendo verticalmente pela muralha a luz vai perdendo a sua intensidade e assim que chega ao espaço do quarto é novamente filtrada pela pele que envolve o berço atribuindo um certo misticismo. Como já referenciado a audição é assumida como o principal sentido do homem a ser explorado e numa segunda vertente surge o tato. Ainda que esteja presente este limite de madeira mais rígido, é possível abrir as janelas que através da sua pequena abertura ao exterior possibilitam recuperar toda a experiência e atmosfera do ambiente terra.

Organizado essencialmente segundo dois grandes espaços este piso, dado o seu forte caráter intimista, absorve as necessidades do Homem que mais buscam este ambiente protegido, nomeadamente o quarto e a instalação sanitária. Com um caráter central e organizador do espaço, o quarto é delimitado e de certa forma definido por dois pilares que o circundam e o separam das restantes funções sem contudo se entender como uma barreira pois o objetivo reside na criação de um ambiente essencialmente amplo e unificado dada a sua área reduzida, numa relação direta com a pele que o envolve. Organizado em torno deste, surge a instalação sanitária e a zona de chuveiro numa relação direta de simbiose. O espaço de entrada, por sua vez, não busca uma relação direta com o ambiente principal visto este ser também uma espécie de descoberta encarando à primeira vista o lado oposto do quarto e só depois o Homem decide o caminho a percorrer.

¹ tabique móvel constituído por uma armação de ripas em quadrados pequenos, sobre a qual é colocado um papel branco espesso que deixa passar a luz mas não o olhar. Os shoji eram, até há relativamente pouco tempo, a única forma de encerrar a casa japonesa. Fonte: Tanizaki, Junichiro. (2008) Elogio da sombra. Lisboa: Relógio D'Água Editores, p.16.



Figura 23 - Esquema da organização.

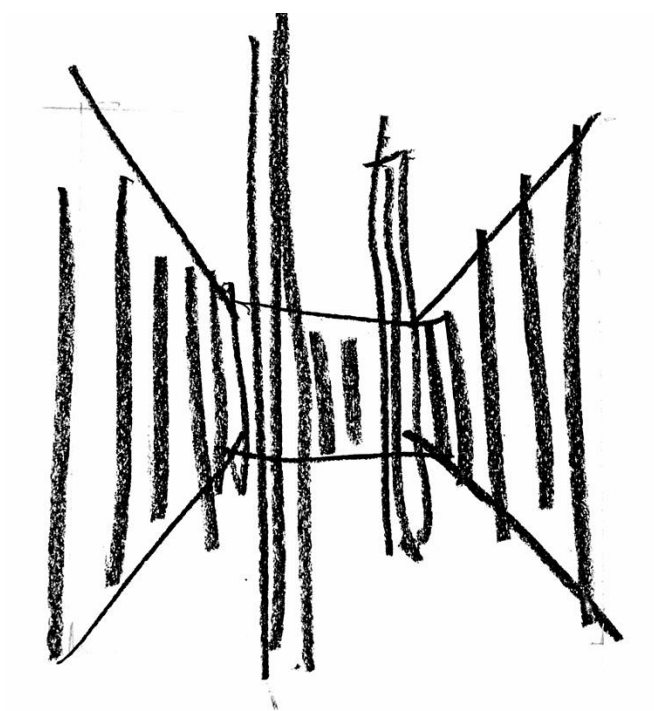


Figura 24 - Perspetiva interior



Figura 25 - Utzon, Jorn. Can Lis, 1972.

SOCIAL

Assumido como o espaço central da proposta, o piso intermédio é encarregue de incorporar as funções mais sociais e é onde o Homem irá passar a maior parte do seu tempo. Transpondo de um espaço mais reservado e ténue do quarto, este, assume-se com uma maior abertura para o exterior onde agora, a muralha, se avista e desta forma o espaço é percecionado como mais amplo. O sentido da visão começa por assumir um carácter mais demarcado no espaço, fortemente influenciado pela constante transformação da natureza que o envolve, tornando-se num ambiente dinâmico. A luz que penetra no espaço é igualmente difusa mas agora com um carácter mais vivenciado. O espaço de estar é assumido como o elemento organizador deste piso assumindo a posição de maior importância onde

O piso social procurando torna-se mais amplo relativamente ao espaço privado, possui os seus limites mais abrangentes, estando agora confinados à muralha que o protege. A presença de caixilharias adicionais à estrutura rompia de certa forma com a relação pura e profunda com toda a vivência do vazio e da própria muralha, sendo usado uma caixilharia exterior que se esconde por detrás da estrutura de betão remetendo à casa Can Lis projetada pelo arquiteto Jorn Utzon. Em ambos os casos, é o exterior natural, mais orgânico, que transforma o interior vivido, mais racional e contido. É materializada em alumínio de tom cinza tentando se fundir com a própria estrutura de betão. A sua abertura reduzida segundo uma janela projetante permite absorver o som da água que se propaga pelo vazio envolvente ao Homem e receber a luz que advém do céu, assim como a correta circulação de ar.



Figura 26 - Esquema da organização.

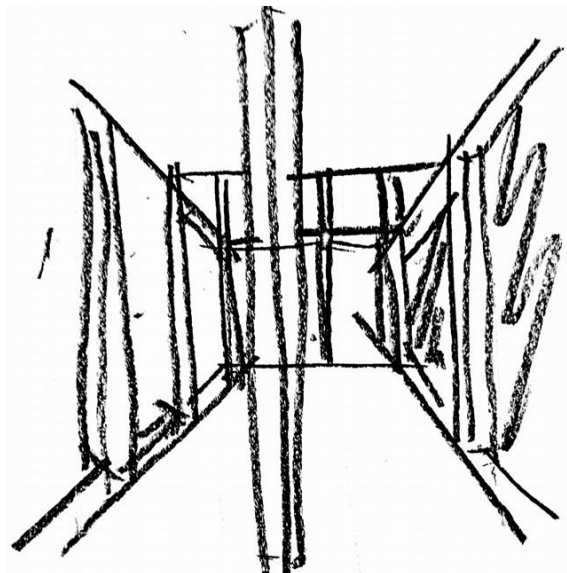


Figura 27 - Perspetiva interior.



Figura 28 - Corbusier, Le. Villa Savoye, 1929.

LABORAL

Este espaço encontra-se vinculado com o espaço inferior, social, ganhando contudo uma atmosfera própria vinculada ao horizonte mais abrangente. Desta forma, num piso onde a luz se faz sentir com maior intensidade, relativamente ao social e privado, e aglutinado à vista sobre o vale, este espaço reúne as condições necessárias para um bom funcionamento cognitivo. O rasgo que o demarca busca uma relação contrária à organização da sua planta enaltecendo a sua vivência. Orientado segundo o eixo de rotação do sol, a abertura expõe-se desde Sudeste a Sudoeste. A sua reduzida altura e extensa profundidade fazem com que apenas seja feita uma leitura do exterior sem que este perturbe a luz zenital, elemento que atribui carácter aos espaços. Surge como analogia o projeto da Villa Savoye do arquiteto Le Corbusier na forma como se relaciona com o exterior, um rasgo que busca de alguma forma não expor em demasia o interior delicado onde habita o Homem.



Figura 29 - Esquema da organização.

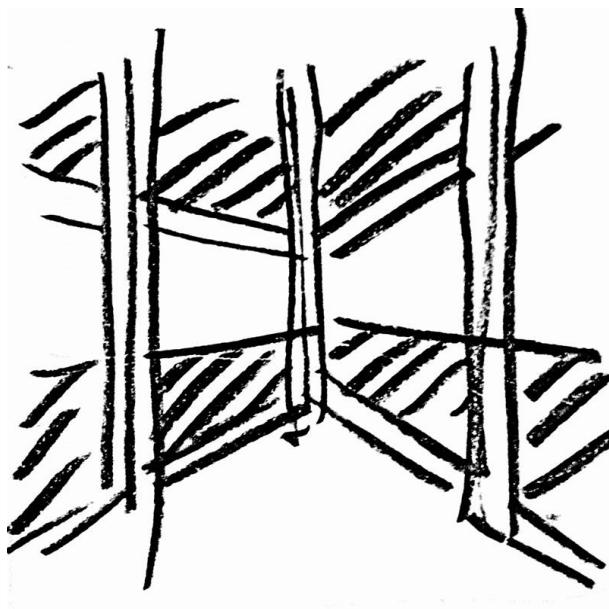


Figura 30 - Perspetiva interior.

A CASA



Figura 31 - Pomar de laranjeiras.

Sete da tarde, mais um dia chegou ao fim. Finalmente vou poder voltar a onde pertenço. Ansioso faço-me à estrada com ânsia de fugir deste caos urbano. Como de costume deixo o carro estacionado junto à estrada, quero ir a pé. Passo a passo, percorro o caminho que fui trilhando por entre a floresta e é aqui que deixo os problemas para trás. O vento faz-se ouvir pelo ramagem dos eucaliptos e trás-me a brisa suave e nostálgica. Por entre a densa vegetação avisto ao longe o meu abrigo, um elemento isolado e singelo. Aos poucos aproximo-me daquele que entendo como meu território, aquele espaço vazio que se deixa abraçar pela montanha e que se oferece a todo o vale. Nesta altura do ano é inevitável a vontade de visitar o meu pomar de laranjeiras no qual me deixo influenciar pela atmosfera que cria e que me convida a permanecer. Colho uma laranja e usufruo deste momento, abrigado pela ramagem do laranjal. Todos os meus sentidos são despertados e aqui sinto que vivo. É impossível sentir-se indiferente ao cheiro doce e fresco embrenhado no cantar dos pássaros que coabitam neste habitat que partilho. Despeço-me por hoje do pomar, e sigo caminho para sul, mas antes aproveito para levar mais uma laranja comigo, que me vai fazer companhia até casa.

À minha esquerda, a Este, avisto a copa dos carvalhos que definem o limite do meu terreno e que encerram a extensa floresta de eucaliptos da qual não conheço nem alcanço fim. Esta floresta estende-se para sul, encerrando o limite do terreno. Reparo que se faz tarde e o sol já se prepara para se pôr por detrás das montanhas que se avistam no longínquo horizonte. São momentos como este que tornam este lugar tão especial e único e que me fazem sempre querer regressar. Esta abertura para o vale só é possível porque a natureza assim o decidiu, permitindo a contemplação deste enquadramento.



Figura 32 - Leito de água.

Seduzido pela melodia da água corrente, avanço numa constante partilha de emoções com o que me rodeia. A casa, que à distância se revelou timidamente por entre a vegetação, assume-se agora como um forte elemento que pontua o terreno, como um maciço rochoso penetra o solo húmido e verdejante. A linha da água que escorre pelo terreno, visita a casa e segue viagem, deixando para trás o registo da sua passagem. Envolvido por uma densa atmosfera que desperta todos os sentidos, a textura rugosa que define a estereotomia dos limites do meu abrigo encaminha-me a entrar em casa. O rasgo da muralha, que permeabiliza a entrada da água, leva-me ao encontro com o pedaço de natureza com o qual partilho momentos de reflexão. Aqui, a natureza é rainha e dona de si própria, coabitando comigo no mesmo espaço. Água, terra, silêncio. A tríade que define a delicada e complexa atmosfera que efusivamente me recebe. A linha de água que permeia este espaço, humedece o ambiente, ecoa nas densas e robustas paredes de pedra e reproduz uma melodia que me tranquiliza. Envolta pela luz difusa que desce pela muralha, a sombra é protagonista do espaço envolvendo o Homem num ambiente vocacionado à sua relação com a natureza.

Subo até ao piso superior onde busco o meu descanso, o quarto. Aqui, é a madeira que confina o espaço e personaliza um ambiente acolhedor e quente. Cansado, deito-me na cama e deixo-me levar pela atmosfera que me acalma e embala.

Ontem acabei por adormecer. Hoje é sábado, não vou trabalhar. Com o corpo e com a alma descansados, subo entusiasmado até à cozinha e preparo o meu pequeno-almoço. O mesmo de sempre, duas torradas de manteiga e um café. Sento-me à mesa e, tranquilamente e sem pressas, desfruto deste momento. A pedra que limita a minha casa, iluminada pela luz natural é envolvida pela flora que se apodera deste habitat.

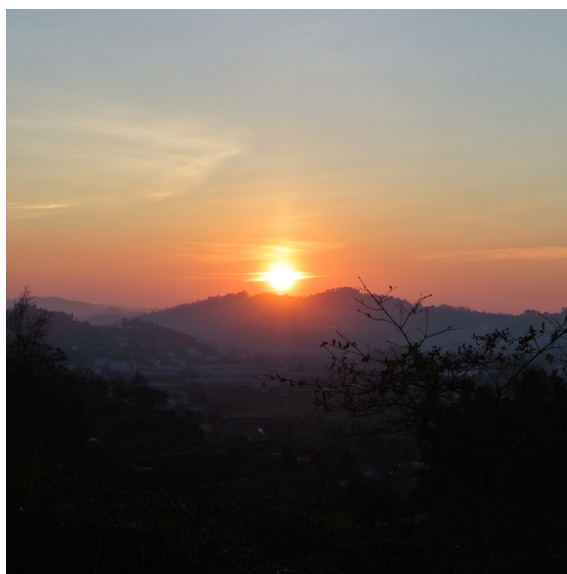


Figura 33 - Vista sobre o vale.

Hoje vou aproveitar para ler aquele livro que já ando a adiar algum tempo. Subo até ao meu recanto de leitura e deslumbro a paisagem enquadrada pelo rasgo da muralha. Um horizonte distante, que ao mesmo tempo parece tão perto. A luz apodera-se deste espaço de forma ajustada e torna-se protagonista desta narrativa que participo. Sentindo fome desço ao piso da cozinha para preparar algo. Depois de uma semana desgastante não consigo evitar uma sesta depois de almoço. Desperto rejuvenescido e volto ao meu espaço de leitura. Sem dar por isso, o tempo voou e o sol já se põe no horizonte. Perfeitamente delimitado pela abertura, o vale em todo o seu esplendor torna-se parte da casa pelo vínculo que estabelece entre a natureza e a arquitetura.

São sete da tarde e chegaram o Rui e a João. Convidei-os para um serão para pormos a conversa em dia. Subimos até ao último piso, um espaço que vive de um diálogo permanente com o céu de que a casa se apodera. Sob a noite escura, numa longa conversa aproveitamos o serão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a temática busque um aprofundamento acerca da questão do lugar, esta foi explorada numa vertente mais direcionada para as questões existenciais tendo como grande referencia o pensamento do filósofo Martin Heidegger. Mais do que perceber a relação da arquitetura com o lugar é essencial perceber a sua origem, isto é, perceber a relação do Homem com o lugar. A necessidade primeira do ser humano é o habitar e com ele advém o construir como resposta ao habitar, sendo ele próprio parte do habitar. Surge então, por intermedio da construção, o lugar.

BIBLIOGRAFIA

Afonso, N. (1999). *O Sentido da arte*. Lisboa: Livros Horizonte.

Queirós, E. (1923). *A cidade e as serras*. Porto: Lello e Irmão - Editores.

Gil, J. (2010). *A arte como linguagem: a “última lição”*. Lisboa: Relógio D' Água Editores.

Heidegger, M. (1971). 'Building Dwelling Thinking' em *Poetry, Language, Thought*, trad. por Albers Hofstadter. New York: Harper & Row.

Heidegger, M. *Ensaio e conferências*. São Paulo: Editora Vozes.

Sharr, A. (2007). *Heidegger for architects*. Abingdon: Routledge.

Palasmaa, J. (2011). *Os olhos da pele: a arquitetura dos sentidos*. São Paulo: Bookman companhia editora.

Távora, F. (2006). *Da organização do espaço*. Porto: Faup publicações.

Tanizaki, J. (2008). *Elogio da Sombra*. Lisboa: Relógio de água editores.

Montaner, J. (2013). *A modernidade superada: ensaios sobre arquitetura contemporânea*. São Paulo: Gustavo Gili.

Santa-Rita, G. (1982). *Portugal: a expressão da paisagem*. Lisboa: Edições Terra Livre.

Almeida, C. (1978). *Portugal: arquitetura e sociedade*. Lisboa: Edições Terra Livre.

Moutinho, M. (1979). *A arquitetura popular portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.

Sharr, A. (2006). *Heidegger's hut*. Londres: MIT Press.

Rabaça, A. (2011). *Entre o corpo e a paisagem: Architectura e lugar antes do genius loci*. Coimbra: Edições do departamento de arquitetura da FCTUC.

Nesbitt, K. (2008). *Um nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Editora Cosacnaify.

Chillida, E. (1990). *Elogio del horizonte*. Oviedo: Editorial Progreso.

Virilio, P. (2009). *Bunker archeology*. Hudson: Princeton Architectural Press.

Rasmussen, S. (2007). *Viver a arquitetura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Olgia, V. (ed.). (2015). *The images of architects*. Freiburg.